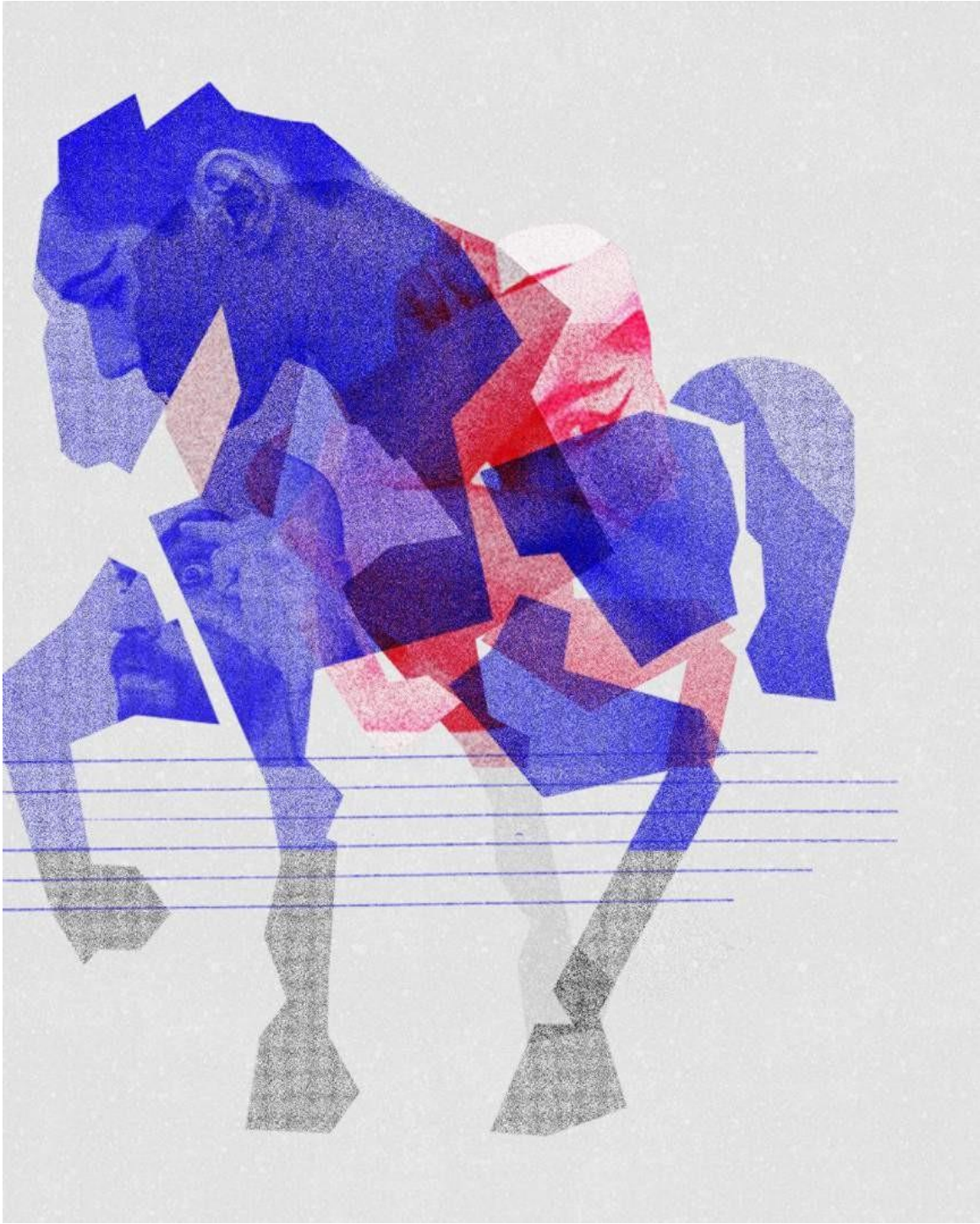


CAVALOS SELVAGENS

Começo aqui. Ponto. Ritmo. Abismo. Caso sério. Sim, um caso muito sério. Uma intensa paixão. Claro. Podia ser de outra forma mas aconteceu assim. *Parar de dançar quando não devia*. Uau. Também quero. Então pensei: há que acontecer um gesto de amor perante o abismo das palavras músculo de Nijinsky. Arritmias, mortes na neve, gloriosos falhanços, fazer rir o público, traições e toda uma possibilidade de fazer matéria viva da escrita selvagem de Nijinsky.

Entre o osso da palavra e a carne do fazer acontecer, fui lentamente entrando na fantasia de Vatslav Fomitch Nijinski, deus da Dança e figura incontornável da história da Dança.

Como tocar este corpo? Um corpo antigo recortado em património insubmisso. Uma fantasia delirante com episódios rocambolescos que toma o mundo de assalto e o transporta em movimento erótico. Uma dança fora do corpo e da história mas que se foi inscrevendo na ideia feliz de podermos sabotar o mundo. Pedra de toque. Sabotar o mundo. Sabotar a dança. A ousadia de roubar as mãos e a bacia de Nijinsky.

Talvez eu possa fazer uma primeira peça de um primeiro livro? O Nijinsky responde: *Trabalho com as mãos e as pernas e a cabeça e os olhos e o nariz e a língua e o cabelo e a pele e o estômago e os intestinos. Não sou nenhum peru com penas de aço. Sou um peru com penas de Deus.* Eu fico extasiado e penso que só assim é que é possível falhar gloriosamente. Com o corpo todo.

Recomeço tudo. Coloco-me em cena com as páginas meio rasgadas e olho para o público com um olhar espantado. Escrevo um texto incrível nos olhos e digo-o em voz alta para o pequeno teatro. Afinal estes cadernos de Nijinsky, são uma imensa verdade onde cabem milhares de mentiras. Sim, porque Nijinsky não descia as escadas da dança mais louca da cidade. Nijinsky nunca fez amor, apesar de possuir o dom do movimento mais sensual da história da dança. Nijinsky nunca dançou. Encarnou apenas uma dança histórica feita de invisibilidade e metáfora.

Afinal estamos aqui em forma de esqueleto, como se existíssemos em composição coreográfica primitiva. Entre um salto e outro, desaparecemos, entre uma entrada e uma saída vamos aparecendo.

Em modo selvagem e porque já nascemos em musgo, a aventura de estarmos juntos a fazer um espectáculo apanhou-me de surpresa. Então o Nijinsky disse: *O Nijinsky deve ser ouvido porque fala pela boca de Deus.* E eu parei fora do palco. Abri a cortina e desapareci.

Será que o Nijinsky pensava num espaço em branco quando escrevia as suas danças?

Então o Nijnisky disse: *Dancei de uma forma muito nervosa de propósito porque o público compreender-me-á melhor, se eu estiver nervoso.*

Eu estou nervoso, enquanto vocês aqui estão a olhar para estas palavras. Mas não estou sozinho. Vocês estão aí, enquanto nós aqui estamos, nervosos, a dançar para vocês.

Se o Nijinsky diz que cai quando não devia cair, será que deveria ir atrás dele? Espera por mim, eu quero ir contigo Niijinsky, para esse poço feito floresta de pedra e tumulto onde a única hipótese de sobrevivência é ir contigo. Sem parar.

Bruno Alexandre

Percebi que as pessoas estafam os cavalos e os homens, até o cavalo ou o homem parar e cair como pedras. Eu e o cavalo decidimos que poderiam chicotear-nos quanto quisessem, mas que só faríamos o que nos apetecesse, porque queremos viver.
Vaslav Nijinsky

Cavalos Selvagens parte dos Cadernos de Vaslav Nijinsky como dispositivo literário, para construir uma ficção acerca do mesmo, recorrendo às ideias de património coreográfico, insubmissão e tumulto. Esta criação terá como premissa fundamental, a pesquisa em torno de uma ideia de sabotagem coreográfica como modus operandi de um processo que irá começar por procurar o inusitado e o aparentemente impossível. A tentativa será traçar (mapear) inevitabilidades de um real coreográfico (inspirado no património dos Ballets Russes) que se misturam continuamente com a ficção, redefinindo paradigmas e questionando se o que fazemos está realmente a acontecer.
Bruno Alexandre

Criação **Bruno Alexandre**

Cocriação e interpretação **André de Campos, Bruno Alves, Francisco Rolo**

Música e sonoplastia **Miguel Lucas Mendes**

Desenho de luz e espaço cénico **Cárin Geada**

Olhar exterior **David Marques**

Registo vídeo e teaser **Bruno Canas**

Design gráfico **Ana Teresa Ascensão**

Fotografia de Cena **Bruno Simão**

Produção e Difusão **Mónica Talina | Pinguim Púrpura**

Gestão financeira **Produção d'Fusão | Patrícia Soares**

Residências **Companhia Olga Roriz, EIRA / Teatro da Voz, Musibéria, Gafanha da Nazaré / Fábrica das Ideias e Polo Cultural Gaivotas | Boavista**

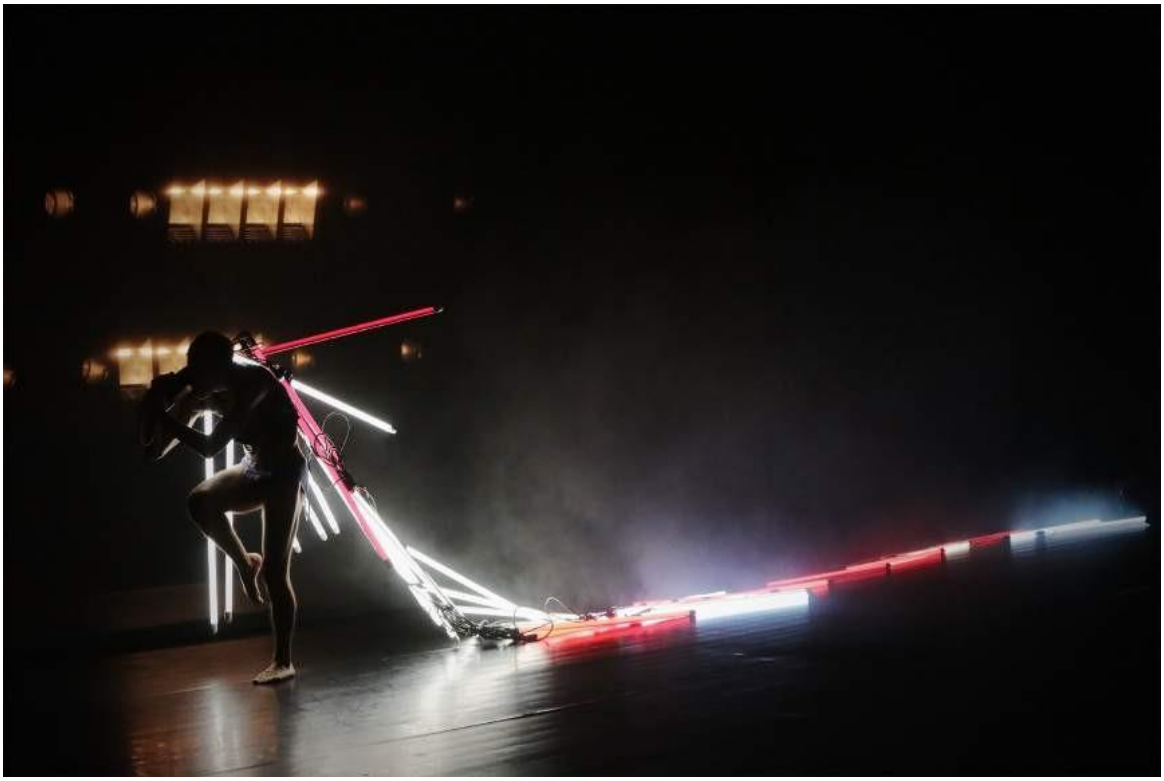
Produção **Escarpa Fictícia Associação Cultural**

Coprodução **Culturgest**

Apoio **Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes**

Apoio à divulgação **Antena 2**

Agradecimentos **Gil Mendo, Joana Vieira Lino, Pedro Santiago Cal e Carla Ribeiro**



"Cavalos Selvagens, de Bruno Alexandre, na Culturgest, é daquelas coisas que têm um passado consistente, um presente entusiasmante e um futuro radioso. é um objecto denso e belo que, além de deixar muito claro que temos um novo e poderoso nome na coreografia, tem 3 intérpretes criadores a seguir com muita atenção. é ir, pessoas. ontem esgotou, hoje talvez ainda se encontrem lugares (e, depois, é torcer pela reposição)."

Maria João Guardão

IMPRENSA

TIME OUT, 17 de Janeiro de 2018

Na Cidade

ado

Selvajaria a trote

Cavalos Selvagens é um espectáculo que pretende redefinir paradigmas que se inspiram nos Ballets Russes, sendo que a inspiração partiu de *Cadernos*, de Vaslav Nijinski. Rume à Culturgest e capte as ideias dançantes da criação de Bruno Alexandre.

→ Culturgest. R. Arco do Cego, 77. Sáb 21.30. 12€.

Revista Sábado, 18 Janeiro de 2018

ESTREIA

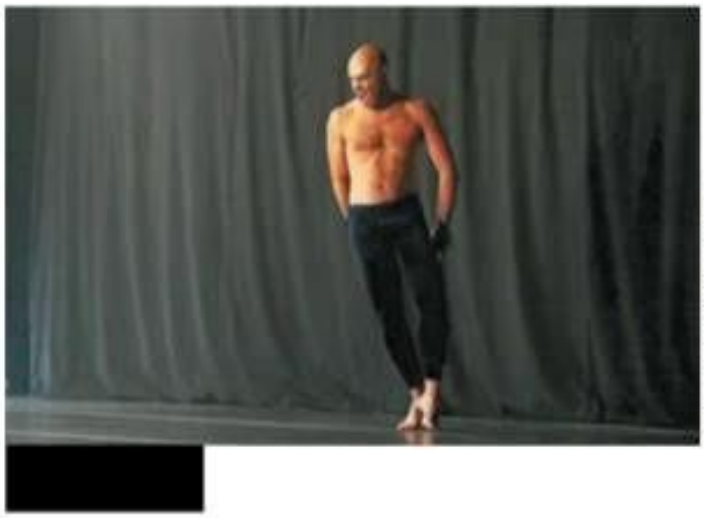
OS *CAVALOS* DE BRUNO

Bruno Alexandre, que conhecemos bem como bailarino da Companhia Olga Roriz, estreia esta sexta-feira, 19 de Janeiro, na Culturgest, em Lisboa, uma coreografia original, *Cavalos Selvagens*, co-criada pelos seus intérpretes, André de Campos, Bruno Alves e Francisco Rolo.

Com música de Miguel Lucas Mendes e vídeo de Bruno Canas, a peça parte dos *Cadernos* do bailarino Vaslav Nijinsky, que equiparava o seu esforço ao dos cavalos. O resultado é uma ficção que recorre às ideias de património coreográfico (ancorado nos Ballets Russes) e à sabotagem do mesmo, através da insubmissão – vizinha do inusitado e o aparentemente impossível. RB

CAVALOS SELVAGENS
CULTURGEST, LISBOA
De 19 a 20/1 • 6ª e sáb. 21h30
• €12; jovens: €5

EXPRESSO – *Obrigatório*, 20 de Janeiro de 2018



MARGARIDA MALAQUIAS

CAVALOS SELVAGENS

De Bruno Alexandre

Culturgest, Lisboa, hoje

Peça para três intérpretes, criada por um bailarino de referência português, Bruno Alexandre, que desta vez não dança, mas mergulha na pesquisa de ideias de "património coreográfico, insubmissão e tumulto", tendo como ponto de partida os diários de Nijinsky, reunidos na obra "Cadernos".

Diário de Aveiro, 7 Dezembro 2016

"Cavalos selvagens", amanhã, em antestreia

D.R.

FÁBRICA DAS IDEIAS Depois de uma residência artística dividida em duas sessões, ei-los: os "Cavalos Selvagens", de Bruno Alexandre, amanhã no palco da Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, pelas 21.30 horas, sendo a primeira vez que o espectáculo de dança passa pelo crivo do público.

Bruno Alexandre, o criador, partiu dos Cadernos de Nijinsky como dispositivo literário para construir uma ficção acerca do mesmo, recorrendo às ideias de património coreográfico, insubmissão e tumulto.

A residência artística, que agora se transforma em espectáculo, teve como premissa fundamental a pesquisa em torno de uma ideia de sabotagem coreográfica como "modus operandi" de um processo que procurou o inusitado e o (aparentemente) impossível.

"Cavalos Selvagens", uma co-produção da Culturgest, conta com a interpretação de André de Campos, Bruno Alves e Francisco Rolo. Os bilhetes estão à venda no local, na Casa da Cultura de Ílhavo e on-line (ilhavo.bol.pt).

BIOGRAFIAS

Bruno Alexandre

Licenciado em Dança pela Escola Superior de Dança e Licenciado em Direito pela Universidade Autónoma de Lisboa. Mestre em Artes Cénicas na FCSH.

Trabalha na Companhia Olga Roriz desde 2007, integrando todos os seus espectáculos apresentados em Portugal, Macau, Brasil e Coreia do Sul.

Trabalhou também com Filipa Francisco no espectáculo "A Viagem" e com Tiago Rodrigues/Companhia Instável em "Assim, tipo…dança contemporânea".

Foi ainda intérprete e criador dos espectáculos "Lugar Vagon", premiado pelo Clube Português de Artes e Ideias, apresentado no festival Citemor e de "Aguada" ambos em colaboração com Pedro Santiago Cal e Mafalda Saloio.

Como coreógrafo criou o solo "Cinemateca", apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e Materiais Diversos, que teve a sua estreia no Festival Cumplicidades em Lisboa.

No passado mês de Janeiro estreou a sua segunda criação "Cavalos Selvagens" na Culturgest.

No Cinema participou em "Nadadoras" de Susana Nobre e em "Mariphasa" de Sandro Aguilar.

No Teatro trabalhou com Susana Vidal no espectáculo "Rosto, Clareira e Desmaio" estreado no Teatro Nacional D.MariaII e participou no "Aqui há regras", uma proposta do Collectif Jambe para o Festival Alkantara.

Como professor dirigiu workshops de Improvisação e Composição na ETIC, CMJ (Conservatório de Música da Jobra), F.O.R (Formação Olga Roriz) Centro de Artes de Sines e Festival Sidance (Seul).

André de Campos

Licenciado pela Escola Superior de Dança de Lisboa.

O percurso em Dança fez-se através da Companhia de Dança de Leiria, Projecto PACTO, Amalgama Companhia de Dança, Companhia de Dança de Almada, Companhia de Dança Contemporânea de Évora, North Dance Company e Útero.

Trabalhou com André Mesquita, André Teodósio, Gonçalo Lobato, entre outros. Enquanto performer trabalhou com Bon Bon, Catarina Lee, Filipe Pinheiro, Bruno Alexandre e Sylvia Rijmer.

Como coreógrafo destaca *Casa de Campo*, *Bardö*, *Cellar, Keter, Ithaca, A Morte não é uma Festa*.

Enquanto Video Artist e artista plástico realizou os filmes *UVB 76* e *o último abraço da humanidade.*

Actualmente é Performer na WB Motion Kultur Verein, bailarino na Companhia Olga Roriz e Cavalo na Escarpa Fictícia.

Bruno Alves
Licenciado pela Escola Superior de Dança.
Atualmente e desde 2014 integra o elenco fixo da Companhia Olga Roriz. Trabalha também com a Companhia Clara Andermatt na peça "Fica no Singelo" considerada a melhor peça do ano de 2014 pela imprensa Portuguesa.Trabalhou com varios coreógrafos em Portugal e na Alemanha dos quais se destacam, Antonio Tavares, Benvindo Fonseca, Rui Horta, Silke Z e Maura Morales.No teatro destaca a peça "Vinte e Zinco" encenada por Maria João Rocha com coreografia de Catarina Câmara para o Teatro D. Maria II.

Francisco Rolo
Destaca na sua formação a Licenciatura em Dança pela Escola Superior de Dança (Lisboa), onde estudou, ao abrigo do programa Erasmus, na Oslo National Academy of the Arts (Noruega) e Fontys Dance Academy (Holanda). Frequentou também a F.O.R., Formação da Companhia Olga Roriz. Enquanto intérprete trabalhou com Catarina Morla em "DESIGNED TO FAIL", com Olga Roriz em "Antes que Matem os Elefantes"- última criação da sua Companhia, com Miguel Moreira na peça "Maremoto" e "Outcast" para o Teatro do Mar e em "O limpo e o sujo" de Vera Mantero.

Miguel Lucas Mendes
Compôs música original para curtas-metragens, e colaborou como compositor e músico ao vivo no Matadero, em Madrid (2010). Já em 2015, colaborou com música original em "Hierarquia das Nuvens", de Rui Horta (Dança) em "Cinemateca", de Bruno Alexandre (Dança) e também no espectáculo "Uncertain Song" de Luis André Sá (Dança). Colaborou em dois projectos de teatro do encenador Daniel Gorjão, com música original; "Desta carne lassa" e "Perfeito circulo presente" este último com transmissão na RTP2. Desde 2006, é técnico audiovisual no Teatro Municipal Maria Matos, em Lisboa.

Cárin Geada
Concluiu o curso de luz e som na ACE, em 2010, e mais tarde ,em 2014, conclui a licenciatura em Produção e Design de Cenografia na ESMAE.
Trabalhou no Teatro do Bolhão na área da iluminação desde 2010 a 2017.
Ao longo destes anos tem também colaborado com diversas companhias e instituições tais como Casa da Música, Teatro Nacional de São João, Teatro Nacional D.Maria II, Fundação de Serralves, Centro Cultural Vila Flor, Teatro Rivoli, Teatro do Campo Alegre, Hardclub, Arena Ensemble, Mundo Perfeito, Alaraby TV Channel, As Boas Raparigas, Assédio Teatro, Elenco Produções, Visões Úteis, entre outros.
Foi assistente dos desenhadores de luz Nuno Meira, Pedro Vieira de Carvalho, José Nuno Lima e José Carlos Gomes.

Enquanto desenhadora de luz já trabalhou com Joana Providência, João Paulo Costa, Manuel Tur, João Cardoso, António Júlio, Pedro Lamares, Cristina Planas Leitão, Natacha Belova , Paulo Mota, entre outros.
Na música foi responsável pelo desenho de luz de alguns concertos das bandas Cigarettes after Sex, Temper Trap, Swans, Ben Frost, Converge, Prurient, Pé na Terra, Névoa, Downfall of Gaia, Michael Price, CHVE, Cavaliers of fun, Trabalhadores do Comércio, entre outros.

CONTACTOS

Difusão | Bruno Alexandre
escarpaficticia@gmail.com
alexandrebruno77@gmail.com

+351 914718239